

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

### **A FORMAÇÃO DO PLURAL DOS VOCÁBULOS TERMINADOS EM “-ÃO” E A GRAMÁTICA HISTÓRICA**

JONIA MARIA SOUZA DA SILVA

#### **RESUMO:**

O presente trabalho objetiva enfatizar a importância da Gramática Histórica para os docentes de língua materna, principalmente para aqueles que não dispõem dessa disciplina em sua formação acadêmica.

A partir do questionamento: “– Professor, se todas acabam em ‘-ão’, por que o plural é diferente?”, realizamos um breve levantamento junto aos professores com relação à resposta que seria dada. Observamos também como alguns livros didáticos e Gramáticas de Língua Portuguesa abordam o assunto.

Tais etapas foram cumpridas para que pudéssemos perceber que o domínio de alguns tópicos da Gramática Histórica é importante não só para o entendimento de um tópico específico como o da questão do plural dos vocábulos em “-ão”, como também é relevante para a boa formação do professor de Língua Portuguesa.

#### **Introdução**

O presente trabalho foi realizado para a disciplina Gramática Histórica da Língua Portuguesa, do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O estudo objetiva enfatizar a importância da Gramática Histórica para os docentes de língua materna, principalmente àqueles que não dispõem dessa disciplina em sua formação acadêmica.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

Para tanto, estruturamos o trabalho em três partes: a pergunta, a resposta e a língua portuguesa. Esta última subdivide-se em origem e evolução da língua portuguesa e gramática histórica.

No primeiro capítulo, apresentamos o questionamento: “– *Professor, se todas acabam em ‘-ão’, por que o plural é diferente?*”, que deu origem ao trabalho e as respostas que os professores dariam para o mesmo. Tentamos estabelecer também a importância da formação do professor de língua portuguesa.

A seguir, o capítulo *A resposta* trata das questões de como os livros didáticos e as gramáticas de língua portuguesa abordam o plural dos vocábulos em “-ão”, assim como, a importância do domínio de alguns tópicos da Gramática Histórica.

No último capítulo, abordamos a origem e a evolução da língua portuguesa, bem como as transformações que ocorreram do latim para o português que pudessem contribuir para o entendimento do plural dos vocábulos em “-ão”.

### **A pergunta**

Atualmente preconiza-se o ensino de língua materna a partir de diferentes gêneros textuais, porém, em algum momento, será necessário que um tópico gramatical seja abordado. Isso propiciará ao usuário da língua e, principalmente aos futuros professores, um maior domínio da mesma.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

Imaginemos, então, que um professor de língua materna selecione as palavras *mão*, *cão* e *coração* de um texto, para explicar o plural dos vocábulos terminados em “-ão”.

Após expor que o plural em “-ão” ocorre de maneiras diferentes, com terminações em “-ãos”, em “-ães” e em “-ões”, solicita que os alunos relacionem as palavras previamente selecionadas com suas respectivas formas de plural. E assim o fazem.

Não obstante, um aluno mais atento surpreende o professor com seguinte pergunta: “– Professor, se todos acabam em ‘-ão’, por que o plural é diferente?”.

Bem, a resposta será discutida posteriormente, porque agora cabe uma pausa para comentarmos a palavra “surpreende”.

Realizamos um pequeno levantamento com professores de língua portuguesa para identificarmos se eles já haviam vivenciado situação semelhante. Contamos com a colaboração de dez profissionais: cinco das séries iniciais e cinco do segundo segmento do ensino fundamental e médio. Para nossa surpresa a maioria respondeu negativamente, e apenas um arriscou o seguinte comentário: “– Talvez nas turmas preparatórias para os ‘vestibulinhos’, algum aluno poderá fazer essa pergunta”. (‘vestibulinhos’ são provas realizadas por escolas públicas para o ingresso, freqüentemente, na antiga quinta série do segundo segmento do ensino fundamental).

Outro professor acrescentou que quanto menor a idade, maior a possibilidade de tal pergunta não acontecer. Sabemos que com base nesse breve levantamento não podemos generalizar, mas não pode-

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

mos deixar de considerar que o professor realmente não espera que tais perguntas ocorram.

Ficamos surpresos com as respostas dos professores, pois esperávamos que os alunos dos tempos hodiernos fossem mais sagazes e que precisassem, como cita Simões (2006, p. 105), “(...) encontrar significado nas coisas (...)” a que se dedicam e, assim, elaborar perguntas interessantes.

Retomemos então, a resposta.

Acreditamos que o professor terá dificuldade de apresentar uma resposta convincente ao aluno, pois de acordo com Othon Moacyr Garcia:

Quase todos nós, por vício, tradição ou comodismo, achamos mais fácil e mais simples dar e mandar decorar mil e uma regrinhas gramaticais malsinadas e inúteis, que vão muito além do mínimo indispensável ao manejo correto da língua. O que acontece é que não sobra *tempo* para o resto – e infelizmente é nesse *resto* que está o essencial. (GARCIA, 2006, p. 175)

e, com isso, não nos preparamos para uma pergunta um pouco mais perspicaz.

De fato, foi o que aconteceu. Uma segunda pergunta foi realizada ao mesmo grupo de professores: qual seria sua resposta a esse aluno? Novamente, a maioria responderia que o plural é diferente porque assim é a regra e que para aprenderem teriam que memorizá-la.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

Observamos que há, de maneira geral, um despreparo dos futuros docentes, pois como citou Garcia, ficamos presos às regras, mas não refletimos sobre as mesmas. Tal situação é corroborada por Simões (*Op. cit.*):

Verificou-se então que muitas das dificuldades de interação vivenciadas nas classes (...) decorriam especialmente de alguns desconhecimentos técnicos, por parte dos docentes, do sistema lingüístico e de suas particularidades internas e externas. A observação da língua como um fato social sujeito a intervenções históricas quase nunca era objeto de discussão nos cursos de formação de docentes, tampouco nos de atualização ou aperfeiçoamento. (SIMÕES, 2006, p. 7)

Entretanto, devemos considerar que, se os docentes são oriundos do curso de Pedagogia, não tiveram em sua grade curricular a disciplina Gramática Histórica. Apresentam “Língua Portuguesa: conteúdo e métodos”, por exemplo, mas por ser apenas um semestre, sequer contempla assuntos relacionados à história da língua e/ou gramática histórica.

Ao contrário dos docentes acima mencionados, os oriundos dos cursos de Letras têm em sua formação acadêmica a disciplina Português Diacrônico, que aborda alguns pontos da Gramática Histórica. Mas então, o que ocorre? Normalmente, a não vinculação do que se aprende com a futura prática pedagógica. Não se estabelecem relações entre os conteúdos da graduação e os tópicos a serem ensinados. Com isso, freqüentemente, ouvimos graduandos comentarem:

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

“– Não sei para que estou aprendendo isso. Quando vou usar isso na minha prática pedagógica?”.

Somos obrigados mais uma vez a recorrer a Simões (*Op. cit.*, p. 116) quando comenta que “(...) muito do desinteresse do aluno pelo estudo da língua em geral (...), assenta-se não no objeto a estudar, mas na forma como é estudado” e, principalmente, com relação às aulas de língua portuguesa cita que para essas tornarem-se agradáveis e eficientes “(...) é preciso associar o rol de conteúdos de um curso aos objetivos da clientela, para que haja um mínimo de relevância prática nos itens discutidos e exercitados.” (*op. cit.*, p. 115)

Consideremos que o professor questionado seja um profissional que se preocupa com a melhor forma de transmitir o conteúdo aos seus alunos para tornar sua aula o mais interessante possível. Provavelmente, ele buscará uma resposta convincente para seu aluno. Tentaremos a seguir apresentar uma das possibilidades de busca a essa resposta.

### **A resposta**

Acreditamos que a primeira fonte bibliográfica a ser consultada será o livro didático adotado para o ensino de língua portuguesa. Observamos nove obras, assim classificadas:

- uma, destinada à E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos);
- uma, ao primeiro ano do ensino médio;
- uma, ao sétimo ano do ensino fundamental;

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

- duas, ao sexto ano do ensino fundamental;
- uma, ao terceiro ano do ensino fundamental; e
- três, ao segundo ano do ensino fundamental.

Cabe ressaltar que essa classificação teve como base o critério da disponibilidade de acervo particular. Consultamos as obras disponíveis e notamos que nem todas abordam o plural dos vocábulos em “-ão”. As que apresentam esse tópico o fazem de forma tão breve que talvez não despertem a curiosidade dos alunos e, até mesmo, a do professor, no sentido de levá-lo a ampliar o conhecimento sobre o assunto. Vejamos alguns exemplos.

No livro destinado à E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos) menciona-se que “As palavras terminadas em ‘-ão’ fazem o plural de diferentes formas” (SOUZA, 2004, p. 110), mas não especifica quais nem quantas. A seguir, apresenta um exercício para que se “Forme o plural, seguindo o modelo” (*Idibidem.*). Acreditamos então que, a partir da atividade proposta, os alunos deverão perceber as diferentes formas de se fazer o plural e que caberá ao professor destacá-las. Eis o exercício:

- |                     |                   |
|---------------------|-------------------|
| o irmão – os irmãos | o grão — .....    |
| o cidadão — .....   | o cristão — ..... |
| o avião – os aviões | o pião — .....    |
| o leão — .....      | o coração — ..... |
| o cão – os cães     | o alemão — .....  |

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

o escrivão — .....

o capitão — .....

Em *Linguagem Nova* (obra voltada para o sexto ano), o autor propõe, inicialmente, uma atividade oral e depois uma escrita, nas quais trabalha o plural dos substantivos de uma forma geral. Os substantivos não são agrupados de acordo com as suas diferentes especificidades de formação do plural.

Assim, em um mesmo exercício aparecem, por exemplo, as palavras: *dado, letra, mulher, jogador, balão, cão, mão e órfão*; o que exigirá do professor um certo domínio da história da língua para esclarecer as dúvidas de seus alunos, caso ocorram.

Dois livros do segundo ano: *Viver e Aprender Português e Língua Portuguesa* apresentam somente a forma mais comum do plural das palavras terminadas em “-ão”, isto é, “-ões”; provavelmente, por serem obras destinadas à série inicial.

No primeiro, o assunto é abordado com a realização de um exercício apenas, e no segundo, com apenas uma frase no plural, na qual aparece a palavra *bobões*, para que seja escrita no singular.

Após os exemplos acima, o professor poderá deduzir que o livro didático não atende as suas necessidades. Buscará, talvez, as gramáticas de língua portuguesa.

Para tanto, analisamos seis gramáticas, também de nosso acervo particular. Serão aqui identificadas por números para, posteriormente, observarmos se e como elas abordam o plural dos vocábulos em “-ão”. Teremos então:

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

1 - *Minha Primeira Gramática*, de Olga Mettig, destinada às séries iniciais;

2 - *Curso Prático de Gramática*, de Ernani Terra, usado no ensino médio e fundamental;

3 - *A Gramática Lê o Texto*, de Florinete Guimarães, usada no ensino médio;

4 - *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*, de Manoel Ribeiro, destinada tanto ao ensino médio como ao superior;

5 - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha, destinada ao ensino superior; e

6 - *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, também destinada ao ensino superior.

Além disso, estabelecemos três principais critérios de comparação entre as mesmas:

A) apresenta as diferentes formas do plural das palavras terminadas em “-ão”, isto é, em “-ões”, em “-ães” e em “-ãos”;

B) cita que a forma mais comum do plural de **-ão** é em **-ões**;

C) apresenta substantivos terminados em **-ão** com duas ou mais de uma forma de plural.

Tais dados geraram a seguinte tabela:

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Gramáticas \ Critérios	1	2	3	4	5	6
A	+	+	+	+	+	+
B	-	+	+	+	+	+
C	+/-	-	+	+	+	+

**Legenda: (+) sim; (-) não; (+/-) de uma certa forma<sup>1</sup>.**

Embora a gramática um não contemple o critério B e a dois o C, tais dados não alterarão a busca da resposta àquela pergunta (lembra-se?... “se todos acabam em “-ão”, por que o plural é diferente?”). Algumas gramáticas do grupo selecionado abordam, ainda, o plural dos aumentativos, das palavras paroxítonas e oxítonas e de alguns monossílabos tônicos.

O levantamento de tais dados tem por finalidade demonstrar que a resposta não será encontrada nas gramáticas de língua portuguesa porque estas não têm por objetivo abordar o português diacronicamente. A tão esperada resposta só será conhecida nas gramáticas históricas da língua portuguesa.

Mesmo assim, as gramáticas seis, de Evanildo Bechara e dois, de Florianete e Margaret Guimarães, já incitam o professor/leitor mais atento a buscar o conhecimento necessário a uma resposta convincente aos alunos.

Observemos o que menciona Bechara (2001):

---

<sup>1</sup> de uma certa forma: significa apresentação de vocábulos com mais de uma forma de plural em “-ão” que ora são citados, ora não.

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Dada a confluência das formas do singular num único final “-ão” (...) surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente em geral a favor da forma plural “-ões”, por ser a que encerra maior número de representantes. (BECHARA, 2001, p. 120-1)

E acrescenta um comentário de Matoso Câmara no qual este cita que o ensino escolar tenta manter os três tipos de plural com base na origem latina das palavras.

Já Guimarães e Guimarães (1997, p. 61) ensinam: “Essas formas plurais de palavras em “-ão”, no singular, na verdade, escondem vocábulos de diferentes estruturas em seu tema”:

	<b>plural</b>	<b>(português)</b>
	<i>ones</i> * <sup>2</sup>	“-ões”
“-ão”	<i>anus</i> *	“-ãos”
	anes	“-ães”

Creemos que, nesse momento, os professores conscientes de seu papel talvez estejam se questionando: como eu saberia isso? Como eu chegaria até essas informações? Antes de desanimarem, estes profissionais deveriam refletir nas palavras de Simões (*Op. cit.*) porque

(...) muitas das dificuldades (...), no processo de ensino-aprendizagem do vernáculo, (...) são (...) resultantes de ações pedagógicas impróprias (...), decorrentes de uma carência técnico-teórica docente no que se refere ao domínio da estrutura e do funcionamento da língua materna. Não que o docente esteja des-

---

<sup>2</sup> No texto original *ones* e *anus* estão sem o grafema s.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

comprometido com o processo, mas, por falha na sua formação, não se tenha habituado à pesquisa e à reflexão sobre os temas que no curso de sua prática, venham a apresentar-se como problemática, carecendo, assim, de maior esclarecimento e de novos recursos táticos para explanação didática. (SIMÕES, *op. cit.*, p. 17)

Então, para que essa carência técnico-teórica no domínio da estrutura e do funcionamento da língua materna seja amenizada, seria necessário que os futuros docentes adquirissem um maior conhecimento histórico de nossa língua e, para tanto, uma volta ao passado alicerçaria esse domínio, pois, “(...), alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua” (SILVA, 2006, p. 17).

### **A Língua Portuguesa**

#### **1. Origem e evolução**

“Para alguns, talvez muitos, o interesse por um momento tão recuado na história do português (...) não passa de especulação, “curtição” erudita (...)” (*Idibidem*, p. 15), no entanto,

(...) é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com freqüência, nos faz. Para algumas perplexidades que a variação sincrônica levanta, um rápido olhar para a história passada esclarece. (...). Variações do presente, heranças do passado. Queremos com isso dizer que o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo (...) (SILVA, 2006, p. 16).

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Assim sendo, busquemos o passado para não sermos surpreendidos pelo presente.

A língua portuguesa é fruto da “(...) transformação, lenta e sucessiva, (...), de uma que tomara o seu nome da região onde se desenvolveu, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história (...)” (NUNES, 1951, p. 3). Esse povo, a que se convencionou chamar de ariano, deu origem a diferentes tribos que foram para a Europa e parte da Ásia, levando consigo a língua de berço. Chamava-se indo-europeu e “(...) deu origem às várias línguas donde provêm quase todas as actualmente em uso na Europa e muitas na Ásia” (*Idibidem*).

Entre essas várias línguas, a latina foi a que se destacou por sua considerável evolução. Era “Falada a princípio por um povo diminuto e de costumes bárbaros (...)”, mas conseguiu ir além do “(...) pequeno território onde era usado, suplantando as línguas não só da Itália, mas também de grande parte do Sul e Centro da Europa e ainda do Norte da África” (*Idibidem*, p. 4) e tornar-se “(...) a única dominante numa extensão enorme de terreno.” (*Idibidem*). Mesmo com a queda do império romano, a língua latina seguiu sua trajetória, transpôs mares e implantou-se “(...) nas restantes partes do mundo (...)” (*Idibidem*).

Coutinho (1954, p. 19) comenta: “(...) o que existia era simplesmente o *latim*. Depois, o idioma dos romanos (...). Passa (...) a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar”, isto é, o literário e o popu-

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

lar, respectivamente. E acrescenta: “Cícero nos fala dessa dualidade de emprego do latim numa carta que escreveu ao seu amigo Paeto: “(...) Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a *língua vulgar*, pois não é? ...Nos discursos *aprimoro* mais; nas cartas, porém, teço as frases com expressões *cotidianas*” (*Idibidem*).

O clássico era a língua escrita, que se caracterizava por apuro no vocabulário, correção gramatical e elegância do estilo. Era artificial e rígida e por isso não refletia a vida do povo. Já o vulgar era o falado “(...) pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo Império Romano. (...) Representava (...) a soma de todos os falares das camadas sociais mais humildes” (*Idibidem*, p. 20).

Com o passar dos anos, Roma amplia seu domínio, conquista povos e cidades. O contato com as civilizações mais adiantadas, gradativamente, modificou o caráter *rude e grosseiro* dos romanos. O mesmo ocorreu com a língua “(...) que foi gradualmente perdendo a antiga rusticidade e adquirindo maneiras cada vez mais cortesias, e de dura e áspera, tornou-se suave e harmoniosa (...)”. (*Idibidem*, p. 5).

Em meados do século I antes de Cristo, a língua latina, graças aos poetas e seus seguidores, tornou-se “(...) um diamante facetado, polido e brilhante (...)” (*Idibidem*). Para isso, aquela língua que apresentava modificações quase que diárias teve de ser freada, e repentinamente, sua evolução foi contida.

O contato com a Grécia, com o grego, naturalmente propiciou o aperfeiçoamento da língua de Roma: “(...) o vocabulário enrique-

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

ceu-se; a expressão seguiu as regras certas, (...) a fala rústica e imprópria (...) adquiriu (...) sonoridade, elegância e nobreza (...)” (*op. cit.*). Apesar desse aprimoramento que propiciava à língua características de modernidade, o povo continuava a usar a fala antiga, mas não como a de antes, porque foi alterada pelo contato com a língua literária.

Com isso, era presumível que as modificações que o latim vulgar apresentava estivessem relacionadas à fonética, pois na língua os sons são os mais suscetíveis às alterações. A língua falada incorpora uma série de mudanças, como por exemplo, a redução dos ditongos a vogais, e assim perdura o *sermo vulgaris*.

Os colonizadores que Roma enviava para aumentar o seu império saíam das camadas populares. Conseqüentemente, o latim vulgar era ‘imposto’ aos povos conquistados. Não de forma despótica, isto é, “(...) não houve coação dos vencedores. O *latim*, levado pelos legionários, colonos, (...) impôs-se pela força das próprias circunstâncias: tinha prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior, era o idioma da escola” (*Idibidem*, p. 40-1).

O *sermo vulgaris* evolui menos intensamente que antes, mas alterava-se dia após dia. Os povos vencidos, apesar de falar a língua dos vencedores, mantinham a sua pronúncia e davam aos novos sons a entonação própria dos seus. Junte-se a tal fato uma série de outras causas, como redução de ditongos a vogais e a confusão na pronúncia do *b* e do *v* que antes se distinguiam; e assim, pelos séculos VII

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

ou VIII a língua, sem perder sua essência, estava fracionada em tantas outras distintas que geraram um grande número de dialetos.

Por isso, cada língua adquiriu uma feição especial, completamente diferentes umas das outras, isto é, os diferentes romances, que Coutinho (1954, p. 34) define como *modificações regionais do latim*. A partir destas originaram-se as neolatinas ou românicas. Dentre elas estão o *português* e o *espanhol*, falados pelos povos da Península Ibérica.

Assim com aconteceu com os povos conquistados pelos romanos, os hispanos (povos que habitavam a Hispânia, província romana na península Ibérica) também trocaram “(...) suas antigas línguas pela dos conquistadores (...) nos começos da segunda guerra púnica, isto é, no terceiro século antes de Cristo” (NUNES, *op. cit.*, p. 11).

Roma enviou tropas à península, implantou seu domínio e fez com que os hispanos adquirissem seus usos e costumes, assim como a sua língua. A romanização da Península Ibérica pode ser comprovada por uma série de fatos, como restos de antigas construções romanas, várias inscrições em toda península, e também por citações como a de Santo Agostinho (*Apud* COUTINHO, *op. cit.*, p. 41): “Trabalharam para que a altiva Roma não só impusesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua língua depois de associados pela paz”.

O latim que os romanos levaram para a Hispânia apresentava leves alterações na fonética, se comparado com o falado nas demais regiões. Embora leves, geraram diferentes dialetos hispano-romanos

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

e, destes, o que nos interessa é o galaico-português, que deu origem ao galego e ao português, falados em toda a faixa ocidental da península.

Mais tarde, os homens do Norte reconquistaram o Sul, e o romance galego-português que aqueles falavam foi absorvido por estes, o que resultou em uma única língua em todo o território de Portugal: o português.

Leite de Vasconcelos (*Apud* COUTINHO, *op. cit.*, p. 49) nos apresenta a divisão da história da língua portuguesa:

– **Pré-histórica:** “começa com as origens da língua e se prolonga até o século IX, em que surgem os primeiros documentos latino-portuguêses. É reduzido o material lingüístico desta época, constantes de escassas inscrições. Só por conjectura é que se pode formar uma idéia do romance então falado.”

– **Proto-histórica:** do século IX ao XII, quando os textos que aparecem, estão redigidos em latim bárbaro. Eventualmente apareciam “(...) palavras portuguesas, o que prova a evidência de que o dialeto galaico-português já existia nesse tempo.”

– **Histórica:** tem início no século XII, quando “(...) os textos e documentos aparecem inteiramente redigidos em português. Anteriormente, a língua era apenas falada”. Esta época divide-se ainda em “(...) arcaica (do século XII ao XVI) e a moderna (do século XVI para cá).”

Com os descobrimentos marítimos, a língua portuguesa inicia sua fase de expansão. “Espalha-se pela ilhas do Atlântico, atinge as

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

costas da África, e chega, nas veleiras naus de Cabral, à Terra de Santa Cruz”.(Op. cit, p. 49). “E se mais terra houvera, lá chegara.” (Os Lusíadas, Camões).

### **2. Gramática Histórica**

“A mudança, enfim é essencial para a sobrevivência da língua, tendo em vista que somente mediante semelhante processo pode o sistema adequar-se às novas exigências surgidas em face da própria mudança cultural” (CAVALIERE, 2005, p. 55). Assim sendo, era esperado que o Latim vulgar passasse por transformações, principalmente, na fonética para sobreviver.

De acordo com Coutinho (Op. cit., p. 81) a “Fonética é a ciência que trata dos sons ou fonemas”. O autor esclarece que as palavras *Fonética* e *Fonologia* eram “consideradas sinônimas” até o “(...) aparecimento da atual ciência fonológica (...)” (Idibidem). E acrescenta que para Saussure, “(...) a *Fonologia* se ocupava com o estudo sincrônico dos fonemas e a *Fonética* com o diacrônico” (Idibidem).

No entanto, Coutinho menciona que o estudo sincrônico dos fonemas será feito pela *Fonética descritiva* e o diacrônico pela *Fonética histórica*.

Interessa-nos o estudo da *Fonética histórica*, pois trata dos sons ou fonemas em seu aspecto evolutivo; no caso, as transformações que estes sofreram na passagem do latim vulgar para o português. Nunes (Op. cit., p. 14) comenta que “(...) essa transformação

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

não surgiu de repente, mas foi-se operando lentamente; como qualquer ser vivo (...) as línguas, antes de se fixarem, sofrem sucessivas e constantes modificações”.

Ao estudarmos essas transformações vamos encontrar a resposta adequada para aquela pergunta que gerou esse trabalho. As alterações que abordaremos dizem respeito às vogais (vocalismo), às consoantes (consonantismo) ou às palavras (metaplasmos).

Não vamos nos estender em conceituações teóricas, contudo quando julgarmos necessário daremos as noções apropriadas.

Com relação às vogais interessa-nos uma das causas da ditongação. Coutinho (*Op. cit.*) informa:

O ditongo “-ão”, tão freqüente em nossa língua, representa modernamente as formas do português arcaico *ão*, *am* e *om* correspondentes ao latim *-anu*, *-ane*, *-one*, *-udine*, *-unt*, *-um*, *-on*, *-ant*, *a(d)unt*:

ver**anu** > verão

multitud**ine** > multidão

pag**anu** > pagão

certitud**ine** > certidão

pan**e** > pão

sunt > são

c**ane** > cão

intum > então

orati**one** > oração

non > não

devoti**one** > devoção

dant > dão

rati**one** > razão

stant > estão

lentitud**ine** > lentidão  
*cit.*, p. 107)

va(d)unt > vão (COUTINHO, *op.*

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Embora tenhamos apresentado vocábulos como por exemplo, *são*, *não* e *estão* que não fazem parte do grupo que nos interessa, optamos por mantê-los apenas a título de ilustração.

No que concerne às consoantes é importante saber que a medial “-n-“ nasaliza

(...) a vogal anterior com que está em contacto, nasalação que desapareceu, na maioria dos casos. (...). Esta nasalação se operou aí pelo século XI ou pouco antes. Permanece a nasalação: (...) quando as palavras portuguesas provêm de vocábulos latinos terminados em: *-anu*, *-ane*, *-ene*, *-ine*, *-inu*, *-ina*, *-one*<sup>3</sup>:

veranu > verão;

granu > grão;

pane > pão;

cane > cão;

mansione > mansão;

visione > visão;

ratione > razão;

oratione > oração. (*Idibidem*, p.

113)

Tão importante quanto o que ocorre com as vogais e as consoantes, as relações que as palavras estabelecem entre si, também criam diferentes sons que as compõem, isto é, eles “(...) se alteram sob influência dos que lhe estão vizinhos ou que com eles têm semelhança mais ou menos próxima” (NUNES, *op. cit.*, p. 149).

Assim, podemos ter a dissimilação que consiste em evitar o seguimento de sons semelhantes e a analogia que faz com que “(...) não só as partes componentes das palavras que influem entre si, tam-

---

<sup>3</sup> Observação: Não citamos exemplos com as terminações em *-ene*, *-ine*, *-inu* e *-ina* porque não estão relacionadas ao assunto em questão.

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

bém estas por sua vez são umas influenciadas por outras.” (*op. cit.*, p. 157).

Com base nas informações acima torna-se mais fácil entender quando Silva (*Op. cit.*), ao abordar o plural dos vocábulos em “-ão”, cita que devemos

(...) lembrar que o final **ão** português tem várias origens:

**anu** > **ão** – *manu* > *mão*

**ane** > **ão** – *pane* > \**pãe* > *pã* > *pão*

**one** > **ão** – *ratione* > *razõe* > *razom* > *razão*

**udine** > **ão** – *multitudine* > *multidõe* > *multidõ* > *multidão*  
(SILVA, 2007, p. 87)

e que

A evolução dessas terminações foi lógica: o *n* intervocálico cai nasalando a vogal anterior.(...). Depois, a partir de uma época que o Dr. Leite de Vasconcelos estima, em suas *Lições de Filologia Portuguesa*, pela altura do sec.XIV, as formas **ã** (de **ane**), **õm** (de **one**) e **õe** (de **udine**), por dissimilações ou por analogia com a terminação **ão**, mais comum e talvez mais sonora, evoluíram também para **ão**. (*Idibidem*)

E ainda que

É preciso, porém, considerar que *o plural dessas palavras não se forma em português* – o que seria feito apenas com o acréscimo do *s*, *mas veio formado já do latim, evoluindo da mesma forma como evoluiu o singular, com a queda do n intervocálico*. Convém saber, a propósito, que o acusativo latino de onde se origina o vocabulário português (...) terminava no plural em *s*. Assim temos:

sing. *manu* > *mão* pl. *manus* > *mãos*

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

sing. pane > \*pãe > pã > pão pl. panes > pães  
sing. ratione > razão > razom > razão pl. rationes > razões  
sing. multitudine > multidõe > multidõ > multidão pl. multitudes > multidões. (*Idibidem*)

Sistematizemos as noções para facilitar o entendimento da formação do plural dos vocábulos em **-ão**:

– ditongação de algumas terminações latinas (-anu, -ane, -one e as demais) em -ão;

– nasalização da vogal anterior com queda do -n- intervocálico;

– a formação do plural não se deu em português, já veio do latim; e

– noções de dissimilação<sup>4</sup> e analogia<sup>5</sup>.

Teremos, então:

<b>plural em -ães</b>	<b>plural em -ãos</b>	<b>plural em -ões</b>
panes > pães canes > cães	manus > mãos germanus > irmãos	rationes > razões orationes > orações

Certamente são poucos exemplos, mas agora fica fácil responder a pergunta: o plural não é igual porque as palavras em sua origem tinham terminações diferentes. Talvez para os nossos alunos não fosse necessário denominar as mudanças que ocorrem, mas sem dú-

---

<sup>4</sup> Dissimilação é a mudança de um fonema para se tornar dessemelhante a outro (a nasalização da vogal que precede uma consoante nasal, por exemplo).

<sup>5</sup> Analogia é a mudança de uma forma (um fonema, por exemplo) para se igualar a uma outra mais freqüente ou mais regular, como é o caso ds ditongos *ãe* e *õe*, por exemplo, em relação a *ão*.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

vida, é importante que o professor adquira esse conhecimento para dar respostas plausíveis aos seus alunos.

Principalmente se eles resolverem perguntar o porquê de duas ou até três formas diferentes de plural para o mesmo vocábulo. Cardoso (1978) nos ajudaria, pois menciona que a convergência de diferentes terminações das palavras latinas em apenas uma (-ão)

(...) não poderia ocorrer sem suscitar confusão entre palavras de origem diferente. Essa é a razão de alguns plurais duplos e até triplos que a língua acabou por admitir, dos quais só um corresponde à forma de origem: vilãos (< villanos) e vilões; anciãos (< antianos), anciães e anciões<sup>6</sup>. (CARDOSO, 1978, p. 100)

### **Considerações Finais**

Algumas vezes, temos de concordar com Simões (2006) quando afirma que nem sempre o que há é uma falta de compromisso dos docentes. Muitas vezes, não. Porém, o que não podemos deixar de considerar é a qualidade da formação dos professores. O ensino não é, ou melhor, não deveria ser apenas ‘decorar regrinhas’ (GARCIA, *op. cit.*, p. 175), sem espaço para a pesquisa e a reflexão. Por isso, determinadas questões, como no nosso caso, o plural dos vocábulo

---

<sup>6</sup> Se até hoje, muitas palavras ainda têm sua origem desconhecida, como poderiam os seus primeiros usuários saber a sua etimologia para formarem regularmente a sua flexão? É esta situação de dúvida que levou a língua a aceitar mais de uma forma de flexão para a mesma palavra.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

em “-ão” deixam de ser regularmente estudadas. Se tal ocorresse, a qualidade da formação desses profissionais melhoraria, bem como sua prática pedagógica.

Indubitavelmente, o conhecimento de Gramática Histórica poderá dirimir algumas dúvidas e, assim, questões como a que suscitou esse trabalho não ficariam sem respostas.

Arriscaríamos mencionar que seria de muita valia o ensino mais aprofundado da história da língua portuguesa em todos os seus aspectos aos alunos de graduação de Letras. Isso não exclui, evidentemente os alunos de pedagogia. Não só para sua formação profissional, conseqüentemente, sua prática pedagógica, mas também como usuário da língua, para que, no momento necessário, a empreguem de forma mais adequada.

Assim, não só os alunos passariam a entender melhor o que ocorre na nossa língua. Os professores também. Provavelmente, de posse desse entendimento, estes estimulariam seus alunos a pensar e não simplesmente a decorar regras.

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

### Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. [São Paulo]: Klick, [s.d.].

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*. Português através de textos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. São Paulo: Atual, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

CUNHA, Celso; LINDLEY, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEQUI, Francisco. *Português fono-orto-morfo*. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos – IPUC, 2002.

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica: reforma e acordos da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, [1993].

FARACO, Carlos Emílio *et al.* *Linguagem nova*. São Paulo: Ática, 2002.

FINAU, Rossana Aparecida; CHANOSKI-GUSSO, Ângela Mari. *Língua portuguesa: rumo ao letramento*. Curitiba: Base, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GUIMARÃES, Florianete; GUIMARÃES, Margaret. *A gramática lê o texto*. São Paulo: Moderna, 1997.

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Fonética, fonologia e ortografia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LEITE, Márcia; BASSI, Cristina Mantovani. *L. E. R. – Leitura, escrita e reflexão*. São Paulo: FTD, 1998.

MARTOS, Cloder Rivas; AGUIAR, Joana D'Arque G.. *Viver e aprender português*. 1.<sup>a</sup> Série. São Paulo: Saraiva, 2001.

METTIG, Olga Pereira; MAGALHÃES, Maria Ligia L. *Minha primeira gramática*. Salvador: Editora do Brasil da Bahia, [s.d.].

MIRANDA, Cláudia *et al.* *Língua portuguesa: manual do professor*. São Paulo: Ática, 2001.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2003.

NETO, Antonio Gil; GARCIA, Edson Gabriel. *Nova expressão: língua portuguesa: atividade de pensar, falar, ler e escrever*. São Paulo: FTD, 1998.

NUNES, Joaquim José. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1951.

PRATES, Marilda. *Encontro e reencontro em língua portuguesa: reflexão e ação*. São Paulo: Moderna, 1998.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 2007. (Inédito).

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

SOUZA, Maria Rita Costa de; LEKEVICIUS, Wilma Jane. *Conhecer e descobrir: língua portuguesa, matemática, história e geografia, ciências*. São Paulo: FTD, 2004.

**Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.